

Tempo, espaço e referência: marcos de ambiência Kaingang no Morro do Osso¹.

Luiz Gustavo Souza Pradella

Bacharel em Ciências Sociais e mestrando em Antropologia Social (PPGAS/IFCH) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; pesquisador do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT/UFRGS) e do Laboratório de Antropologia e Etnologia (LAE/UFRGS).

Resumo:

Este artigo apresenta algumas considerações acerca da territorialidade kaingang a partir do estabelecimento de um grupo desta etnia no Parque Natural Morro do Osso, localizado no perímetro urbano da cidade de Porto Alegre. Para tal, faço uso do conceito de marco de ambiência, um instrumental conceitual através do qual busco compreender os meios pelos quais os Kaingang se relacionam com espaços distintos. Esta perspectiva analítica resulta diretamente da articulação da proposta teórica de Jean Baudrillard para análise de sistemas de objetos, com a teoria das fronteiras étnicas de Fredrik Barth. Espero contribuir, assim, para um melhor entendimento da interface estabelecida entre território e referência nas intrincadas relações existentes entre um grupo étnico e os elementos acionados por este no intuito de definir seus espaços e fronteiras.

Palavras-chave: marcos de ambiência; territorialidade; Kaingang.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Introdução

Noções de territorialidade, assim como preceitos de natureza, são elementos próprios de cada socio-cosmologia, da forma como cada um dos grupos humanos compreende e se relaciona com o espaço através de seus próprios referenciais.

A presença Kaingang na cidade de Porto Alegre, bem como outros grupos indígenas que atualmente habitam as cidades, suscita uma série de reflexões etnológicas que – se distanciando das leituras superficiais e essencialistas com suas prerrogativas de aculturação – podem proporcionar em novos elementos etnológicos, demandando outras formulas teóricas para uma análise antropológica mais apurada.

Presentes na cidade de Porto Alegre desde a década de 1970 os Kaingang possuem ampla mobilidade por esta cidade e, conseqüentemente, um vasto conhecimento com relação aos espaços verdes e caminhos para alcançá-los dentro da cidade, já que sua existência material nesse contexto depende da relação com a mata, da coleta de fibras vegetais – cipós e taquara – materiais com os quais confeccionam cestos e outros artesanatos.

Em abril de 2004 um grupo de famílias Kaingang iniciou o processo de ocupação do Morro do Osso. Considerado oficialmente como Parque Natural desde 1994 o Morro do Osso conta atualmente com uma área de 110 hectares, não correspondendo totalmente aos espaços com vegetação daquele local. A presença Kaingang neste espaço incorreu em uma série de atritos envolvendo políticos, administradores, ecologistas e moradores dos bairros circunvizinhos².

As principais motivações dos Kaingang estavam relacionadas à existência de um cemitério indígena que consideravam de sua ancestralidade, somando-se a este fato a iminente derrubada de parte da mata (onde estas famílias vinham coletando cipó e ervas a anos) para a construção de um condomínio horizontal³.

² Porto Alegre é uma cidade trespassada por uma cadeia de morros, formações graníticas que contrastam com a planície da orla do Guaíba.

³ Para uma descrição e análise mais detalhada deste acontecimento ver Rauber (2006) e Saldanha & Souza Pradella (2007).

O presente artigo tem como base informações coletadas em saídas de campo esporádicas realizadas entre a segunda metade de 2004 à 2006. Nestas ocasiões caminhei pelo espaço do Morro, em visitas guiadas pelos Kaingang, ouvi os relatos destes sobre sua relação com diferentes espaços. Assisti a coleta do cipó bem como a confecção de cestarias e outras peças de artesanato. Acompanhei também os kaingang em outras ocasiões, nas vendas de artesanato na Praça da Alfândega e no Brique da Redenção, bem como em ocasiões que este grupo esteve presente na universidade.

O objetivo central deste texto é apresentar alguns aspectos da relação estabelecida entre os Kaingang e o espaço do Morro do Osso, nos termos de marcos de ambiência⁴ através dos quais este grupo define seu trânsito e territorialidade, estabelecendo sua própria historicidade. Para tal pretendo analisar de maneira sucinta a compreensão de três espaços no Morro – a ‘Toca dos Índios’, o Tupë Pó e o cemitério –, considerados por estes Kaingang como significativos referenciais, demarcadores de familiaridade, evidências da presença de seus ancestrais neste mesmo espaço, num passado imemorial.

Convém lembrar que o que se busca tratar neste trabalho é a historicidade e kaingang que não parece estar relacionada à busca de uma veracidade factual a partir de critérios técnico-científicos de uma noção de historicidade eurocentrada. Em suma, o que importa aos Kaingang não é a ‘verdade dos brancos’ e como esta descreve ‘os índios’, mas sim a sua própria forma de conceber a história, na qual o real está de acordo com as narrativas dos velhos – que tratam de si e dos outros – os brancos, os Guarani, os Xokleng, os mortos e os não-humanos – assim como de sua presença e agência em certos contextos e em determinados espaços.

Ao pensarmos estes espaços nos termos propostos por Baudrillard em sua análise dos ‘objetos antigos’; tomando estes espaços e os elementos que os compõem como marcos de ambiência, compreendidos nos seus termos estéticos e imanentes, enquanto detentores de partículas de historicidade.

O objeto antigo, este, é puramente mitológico na sua referência ao passado (...) não é nem afuncional nem simplesmente “decorativo”, tem uma função bem específica

⁴ Cf. Baudrillard.

dentro do quadro do sistema: significa o tempo.
(BAUDRILLARD, 1993: 82).

A toca dos índios

A vegetação do Morro do Osso se divide basicamente em dois tipos: Nos topos do morro as plantas são baixas e em alguns pontos até mesmo rasteiras contrastando com as encostas e planos baixos onde crescem árvores altas e os cipós são abundantes: caminhar com os Kaingang pelo morro é um constante entrar e sair da mata para o “limpo” e de volta a mata.

Em um baixio cercado por árvores, numa das encostas do morro, encontram-se dois buracos como pequenos túneis. Suas entradas possuem aproximadamente 70 centímetros de altura, e sua extensão é de mais ou menos 5 metros⁵. Na opinião dos biólogos gestores do parque, estes buracos seriam sumidouros de água, formações naturais “livres de qualquer ação humana”. Para os kaingang, no entanto, estas formações são evidências da presença de seus ancestrais naquele lugar, naquele espaço teriam habitado os antigos.

De um lado morava os kamé, no outro morava os Kajrú, assim eles viveram junto aqui. Viveram no morro com seus índios, cuidando lá de cima o cemitério, as árvores e o rio.
(Francisco Arokÿ)

No mito de origem Kaingang os gêmeos ancestrais – Kamé e Kajrú – saem do interior de uma montanha para criar tudo àquilo que existe, dividir o cosmos com suas marcas, nos termos de uma dualidade universal. Este dualismo reflete-se: 1) nos aspectos da organização social, na medida em que os grupos sociais Kaingang estão divididos em duas metades exogâmicas, patrilineares e complementares, que carregam cada uma o nome

⁵ No passado teria vivido num desses buracos um homem conhecido por ‘sapateiro’ devido a esta memória este lugar ficou conhecido pelos locais como “toca do sapateiro”. Os Kaingang por sua vez nomeiam o espaço como toca dos índios.

dos gêmeos ancestrais⁶; 2) na taxonomia de animais, plantas e objetos classificados como pertencentes a uma, ou a outra metade, a partir de seus aspectos morfológicos (SILVA, 2002: 101); 3) em um nível estético, na pintura corporal – graficamente a metade kamé é representada pelo traço e outras formas abertas, já a metade kajrú tem como signo o círculo e demais formas fechadas – e na classificação kaingang da cestaria tanto no que concerne ao trançado quanto com relação à sua forma (SILVA, 2002: 209).

Em outra narrativa mitológica coletada no início do século XX também existem referências mitológicas relacionadas a morros e montanhas, seu contexto é o grande dilúvio, e as montanhas em questão são a Serra do Mar:

Em tempos imemoriais deu-se um dilúvio que cobriu a terra inteira, habitada por nossos antepassados. Somente o cume da serra Krinjinjimbé (Serra do Mar) sobressaía das águas diluviais. Os Kaingáng, Kairucré e Kamé nadavam na direção dela, cada um com um luminoso tição entre os dentes. Os Kairucré e os Kamé cansaram, afundaram-se e pereceram; suas almas foram habitar no interior da montanha. (...) Desaparecida a grande inundação os Kaingáng estabeleceram-se nas proximidades da Serra do Mar. Os Kairucré e os Kamé, cujas almas moravam no interior da Serra começaram a abrir caminhos. Depois de muitos trabalhos e fadigas, uns puderam sair de um lado e os outros do outro (TELÊMACO BORBA. 1908 apud SILVA. 2002: 130).

Não somente a mitologia, mas também a arqueologia oferece evidências importantes para compreender a relação dos kaingang no Morro do Osso com a toca dos índios. Estudos em diversos sítios arqueológicos distribuídos no Brasil meridional (do Rio

⁶ A percepção do dualismo a nível sociológico é um dos principais elementos de referência aos grupos étnicos classificados pela lingüística como pertencentes ao tronco macro Jê. Esta característica vem sendo observada e apontada por diversos autores desde Nimuendajú (1994 [1913]) como nos lembra Silva (2002). Os nomes próprios kaingang, parte de um estoque de nomes finitos, invariavelmente refletem essa divisão dual, identificando de imediato a parcialidade a qual pertence a pessoa.

Grande do Sul a São Paulo) trazem à tona a prática de construção de casas subterrâneas entre os Kaingang. Entre os arqueólogos que tratam destas habitações subterrâneas no sul e sudeste do Brasil, podemos destacar entre outros os trabalhos de Pedro Inácio Schmitz e Ítala Irene Basile Becker⁷, Rafael Corteletti⁸, José Alberione dos Reis⁹, Marisa Coutinho Afonso e José Luiz de Moraes¹⁰.

As descobertas arqueológicas confirmam informações expressas na história oral: a imagem das casas subterrâneas é um elemento recorrente nos relatos sobre os antigos, sendo que ainda nos dias de hoje nas narrativas Zílio Karein, o *kujã*¹¹ da aldeia da Lomba do Pinheiro¹² que afirma ter visto uma destas casas em sua infância.

Os Kaingang compreendem a chamada ‘toca dos índios’ a partir de seus próprios referenciais cosmológicos. Este é um dos pontos de ambiência no qual o grupo reconhece sua historicidade, elemento significativo, remanescente de um passado familiar.

O tempo do objeto mitológico é o perfeito: ocorre no presente como se tivesse ocorrido outrora e por isso mesmo acha-se fundado sobre si, ‘autêntico’. O objeto antigo é sempre, no sentido exato do termo, um ‘retrato de família’. Existe sob a forma concreta de um objeto, a imemorialização de um ser precedente – processo que equivale, na ordem imaginária, a uma elisão do tempo. (BAUDRILLARD, 1993: 85)

⁷ *Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas: a Tradição Taquara* (1991) entre inúmeros outros trabalhos.

⁸ *Padrão de assentamento e uma Arqueologia do Planalto Meridional* (1999).

⁹ *Vacaria: um novo projeto sobre casas subterrâneas* (1999).

¹⁰ *Estudo de uma ‘Casa Subterrânea’ na Bacia do Rio Ribeira de Iguape* (2002).

¹¹ Liderança religiosa kaingang, também chamado de curandor e pajé.

¹² Área na cidade de Porto Alegre cedida para os Kaingang pela Prefeitura Municipal no bairro de mesmo nome. Atualmente lá habitam 26 famílias, somando cerca de 120 pessoas.

Tupë Pó

Em um dos pontos mais altos do morro existe também uma formação rochosa que devido a uma de suas peculiaridades acabou por dar nome àquela região do parque, e conseqüentemente à aldeia. O ‘Pé de Deus’ (*Tupë Pó* em kaingang) é uma grande pedra basáltica arredondada que forma uma pequena gruta apoiada em duas outras, em sua parte superior existe uma marca em baixo relevo muito semelhante a uma pegada. Segundo Francisco Arokÿ, vice-cacique do Morro do Osso, a pegada na pedra possui propriedades de cura, agindo sobre aquele que coloca seu pé dentro dela.

Aqui... quando nós chegamos aqui no morro, tinha um índio com nós que o nome dele é Cláudio. E ele sofria da dor de joelho. Ele não podia nem caminhar, até chegou aqui mancando. E ele chegou aqui com nós, e nós subimos ele aqui nessa pedra e ele colocou o pé dele aqui dentro desse formato de pé aqui, e quando ele desceu, quando nós fomos ver, essa pedra aqui curou a doença dele que ele tinha no joelho. Ele não podia caminhar, mas daqui ele já saiu caminhando até o acampamento. Essa pedra aqui pra nós, ela tem muito valor. Esse morro aqui é uma riqueza para nós. (Francisco Arokÿ no documentário os Kujã vão na frente)

Segundo os Kaingang do Morro do Osso, as propriedades curativas da pedra estão relacionadas à sua origem divina: esta seria a pegada de uma divindade ou homem santo que teria estado entre os antigos há muito tempo atrás. A pedra é encarada como um marco, uma evidência de sua passagem por aquela região. Deve-se recordar que grupos kaingang testemunharam e, em certa medida, participaram de diversos movimentos messiânicos no Brasil Meridional, no final do século XIX, início do Século XX: este período ficou conhecido por historiadores e outros estudiosos como o tempo em que os “santos andavam pela terra” (ROSA 2006). O complexo xamânico Kaingang está permeado de elementos originados no catolicismo caboclo, estes foram identificados por Rogério Rosa como componentes de um sistema de importância significativa, que estaria em

complementaridade ao Sistema Kujã, cujos elementos de origem estariam no mato, enquanto origem histórica seria, pelo menos em parte, resultado da influência da cosmologia Guarani sobre estes grupos.

O sistema caboclo resultou, no plano cosmológico, das relações dos kujã e curandores kaingang com os espíritos-auxiliares santos do panteão do catolicismo popular; por sua vez, no plano sociológico, do contato religioso dos curandores kaingang com os jesuítas, os capuchinhos, o Guarani missioneiro, os curandores caboclos e os santos que caminhavam pela terra (ROSA, 2006: 3).

Comuns nas formações rochosas do Morro, também presentes sobre a pedra do ‘Pé de Deus’, estão duas crateras rasas em formato de bacia. Segundo os biólogos estas seriam resultados do acúmulo e infiltração da água sobre as pedras maiores. Para os Kaingang estas ‘bacias de pedra’ são consideradas marcos de sua historicidade, os recipientes utilizados pelos antigos *kujã* para a realização de seus banhos rituais e queimas cerimoniais de ervas¹³.

Cemitério

Outro espaço considerado marco de ambiência Kaingang no Morro do Osso é o cemitério. Tido como a mais significativa referência de uma antiga presença ancestral indígena neste espaço, o local exato do cemitério jamais foi localizado¹⁴. No entanto, sua inexistência material, pouco importa já que sua concretude e autenticidade encontram-se

¹³ Também chamados de curas, os banhos com ervas são considerados importantes procedimentos rituais na formação da pessoa Kaingang, através destes os humanos adquirem propriedades consideradas positivas (SILVA, 2002: 117).

¹⁴ O próprio morro recebe seu nome em parte devido a relatos de que era comum no século XVIII e XIX serem encontrados ossos de indígenas naquela região, estes fatos estão registrados nas crônicas de José Antônio do Vale Caldre Fião que no século XIX considerava grande a possibilidade da existência de um cemitério indígena no local.

intrinsecamente relacionadas à pequenas reminiscências. As evidências necessárias para tal surgem na forma de uma pedra de percussão e de corte, e de uns poucos cacos de cerâmica encontrados pelos próprios Kaingang¹⁵.

Aqui embaixo dessa pedra, nós encontramos uma pedra também que aqui não existe essa pedra. Essa pedrinha lascada que ela tem um fio (...) e essa pedra que nós achamos aqui ela veio lá de planalto, lá da serra, que só existe essa pedra lá pra bando da serra (...) e aqui na beira da praia não existe aquela pedra, e nós achamos aqui. Mas como é que aquela pedra veio parar aqui? Porque os índios de lá, vieram de lá e já traziam de lá, naquela época, para eles trabalharem aqui com seus materiais (...) quem trabalhava no passado com pedra era os índios. (Francisco Arokÿ no documentário os Kujã vão na frente)

Na VII Reunião de Antropologia do Mercosul Francisco Arokÿ fala da importância de encontrar os vestígios dos antigos no Morro do Osso: *a gente tem juntado pedrinha e caquinho para poder se lembrar*. Circunscrito a estas evidências materiais está o próprio reconhecimento da área do morro nos termos de seus marcos de ambiência. Estes marcos implicam na possibilidade de *historicização* de sua própria na região de Porto Alegre, uma vez que suscitam em Francisco uma série de narrativas e lembranças sobre as viagens dos avós que desciam a serra para tratar com os brancos.

E aqui eu descobri. O meu avô, o meu bisavô, ele já falava que aqui existia uma terra indígena, uma aldeia indígena no passado, que ele vinha. Quando ele vinha conversar com o governador, na época, naquela época eles vinham a pé e eles ficavam, era onde eles repousavam. O meu avô me dizia: nós temos uma área, uma terra indígena que é nosso, lá perto do góikaföntú, ele dizia. Porque ele não sabia falar em

¹⁵ A pedra de percussão foi entregue em 2004 pelos Kaingang, ao Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais fazendo parte do acervo do mesmo. Os Kaingang afirmam ter ainda cacos de cerâmica *dos antigos*.

português ele dizia, lá perto do góikaföntú (...) Ele falava na nossa linguagem. (...) E esse góikaföntú, ele quer dizer um rio muito grande. E esse rio nós podemos ver agora que é o Guaíba. Esse Guaíba, para aquelas bandas ele não tem mais fim, ele vai se emendar com o mar, ele vai embora.
(Francisco Arokÿ no documentário *os Kujã vão na frente*)

Relacionados à existência do cemitério, os vestígios da presença dos antigos possuem uma importância considerável enquanto referenciais sócio-cosmológicos dos Kaingang. Considerado o mais importante ritual do Complexo Xamânico Kaingang¹⁶, o ritual dos mortos (*kikikói*) tem como principal objetivo *beber o morto pra ele ir*¹⁷ (para um plano para além do espaço dos vivos¹⁸), garantindo assim a saúde daqueles que vivem e a liberação dos nomes pertencentes aos mortos para o futuro batismo das crianças.

Nesse sentido que o cemitério emerge como uma das principais motivações da presença Kaingang no Morro do Osso. Este é constantemente tratado por eles em termos de *seu valor de ancestralidade – um fantasma de um núcleo de realidade de que vive toda consciência mitológica e individual – fantasma da projeção de um detalhe que vem a ser o equivalente do eu e através do qual se organiza o resto do mundo*”(BAUDRILLARD, 1993: 87).

Apesar de pouco freqüente nos dias de hoje, a execução do *kikikói*, quando acontece, se dá preferencialmente no espaço do cemitério¹⁹. O cemitério do Morro do Osso, este espectro híbrido de memória e imaginação que se materializa nas pedras e nos cacos “dos antigos” é de extrema significação para os Kaingang, enquanto um elemento formador de sua ambiência.

¹⁶ Em SILVA (2002: 99), e em ROSA, 2006: 14)

¹⁷ Palavras de Dorvalino Refej, liderança da aldeia de São Leopoldo.

¹⁸ No sistema *kujã* este espaço é identificado como *numbé*, no sistema caboclo há uma mescla da concepção do *numbé* com a de paraíso cristão (ROSA, 2006).

¹⁹ Rosa afirma que o *Ritual do Kiki* era realizado no centro do domínio floresta virgem. A partir do sistema caboclo, o mesmo ritual teria mudado para o pátio da casa do kujã (ROSA, 2006:14).

Partindo destas considerações é possível compreender porque em duas ocasiões as lideranças do Morro do Osso buscaram todas as formas para realizar duas reuniões de xamãs às quais foram chamadas de “Encontros dos Kujã²⁰”. É possível entender também o interesse manifestado por estas lideranças de realizar o ritual do kikikói no Morro do Osso.

Ambiência, Significado e referência.

Se o significado pode realmente ser considerado enquanto uma relação entre um conjunto de signos e os observadores posicionados, como nos leva a crer Barth (2000: 129), a compreensão de determinado espaço (bem como seus elementos) encontra-se submetida aos significados atribuídos por um quadro específico de referências herdadas e reelaboradas em relação à diferentes conjunturas. Foi numa interface entre espaço, tempo e referência que se buscou aqui empregar a noção de ambiência a presença kaingang no Morro do Osso.

A pedra *tupë pó*, a toca dos índios e o cemitério formam um conjunto de marcos de ambiência, reconhecidos pelos kaingang através de suas muitas referências. É a partir deste feixe que os kaingang acessam seu passado sistematizando neste presente.

*O morro tem cheiro de índio, tem cinza de índio e tem marca de índio, a gente sabe*²¹. Esta ambiência expressada pelos kaingang em termos de uma percepção olfativa, como vestígios dos fogos – ou dos restos mortais – de sua ancestralidade, é formada por marcos espaciais que dão conta da relação específica estabelecida pelos Kaingang com os territórios e os elementos que destes fazem parte, ambos revisitados nos termos de uma familiaridade que interpreta a paisagem a partir das próprias referências.

O que falta ainda a alguns setores de nossa sociedade, inclusive em alguns destes onde a antropologia se pretende uma ciência aplicada, é o “tradicional” estranhamento diante de determinadas “pré-noções territoriais eurocentradas” que passam pelas categorias

²⁰ O primeiro encontro ocorreu em 20, 21 e 22 de setembro de 2006, o segundo aconteceu nos dias 28, 29 e 30 novembro de 2007, na ocasião formaram-se grupos de diálogo sobre a medicina tradicional e o xamanismo kaingang, um dos assuntos abordados foi a presença do cemitério Também aconteceram uma série de rituais, banhos e queimas de ervas com a finalidade de proteger e fortalecer os presentes.

²¹ Trecho de um das falas de Francisco Rókân durante a VII Reunião de Antropologia do Mercosul, na cidade de Porto Alegre, em junho de 2007.

como ‘propriedade privada’, ‘escritura’, ‘cartório’, ‘espaço público’, ‘matéria prima’ e ‘recursos naturais’ entre outras – que se contrapõem frontalmente com as territorialidades e as ambiências dos grupos indígenas estejam eles em meio a florestas distantes ou dentro de nossas cidades. Sobre estes grupos e suas formas distintas de compreensão é que pesa esta postura que podemos chamar neocolonial ou mesmo imperialista.

É o mesmo imperialismo privado que reúne à volta de si um meio funcionalmente domesticado e os signos domesticados do passado, objetos ancestrais, de essência sagrada mas dessacralizada e dos quais se exige que se deixe transparecer sua sacralidade (ou historicidade) em uma domesticidade sem história. (BAUDRILLARD, 1993: 93)

Os expoentes desta “verdade cuja legitimidade é incontestável” estão sempre prontos para classificar, ordenar (e coordenar) os corpos e os espaços – bem como os primeiros no âmbito dos últimos – em suas práticas e discursos sempre pendem evidentes posturas disciplinares, domesticadoras através das quais estabelecem e dissimulam relações de dominação interétnica pelas quais trabalham. No entanto, longe de serem submissos a esta postura domesticante os Kaingang, assim como outros grupos, assumem para si o papel de protagonismo – seja na organização, na percepção e na ambiência dos espaços, e de seus corpos nestes espaços, e é nestes termos que nos narram sua própria trajetória.

Bibliografia

BARTH, Fredrik. *O guru e o iniciador e outras variações antropológicas*. Ed. Contracapa. Rio de Janeiro. 2000.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Perspectiva. São Paulo. 1993.

LAROQUE, Fernando da Silva. *Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889)*. Pesquisas-Antropologia n.55. Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo. 2000.

NIMUENDAJU, Kurt. *Etnografia e Indigenismo*. Ed. Da Unicamp. Campinas. 1993/1913.

RAUBER, Rita Cristina. *O conflito de ocupação territorial do Morro do Osso em Porto Alegre, RS, Brasil, entre um grupo Kaingang e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre*. In. VI Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM). GT 12. Montevideo. 2005.

ROSA, Rogério. *O sistema Kujã e o sistema Caboclo do xamanismo Kaingang*. In. VI Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM). GT 34. Montevideo. 2005.

SALDANHA, José Rodrigo. & SOUZA PRADELLA, Luiz Gustavo. *A Presença Kaingang no Morro do Osso entre diferentes perspectivas sócio-discursivas*. In. VII Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM). GT 43. Porto Alegre. 2006.

SILVA, Sergio Baptista da. *Etnografia dos grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais*. Tese de doutorado no PPGAS/USP. 2001.

Vídeo: *Os Kujã vão na frente: Uma narrativa Kaingang pela Terra*. (Dir.) FAGUNDES, Luiz Fernando & SOUZA PRADELLA, Luiz Gustavo. NIT-UFRGS. Porto Alegre. 2006.